

2-FEVEREIRO-1958

Preço - 1\$50

MA 1958

NESTE NÚMERO:

A história de
VAZ,
do Vitória de
Setúbal



CRÓNICA
Desportiva
N. 43

MÁRIO DE AGUIAR apresenta

CRÓNICA DESPORTIVA

N.º 43 — 2-2-1958

Director e Editor: VASCO SANTOS
Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA. — Distribuição da AGENCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.
(Anuário Comercial de Portugal)

TODOS OS DOMINGOS

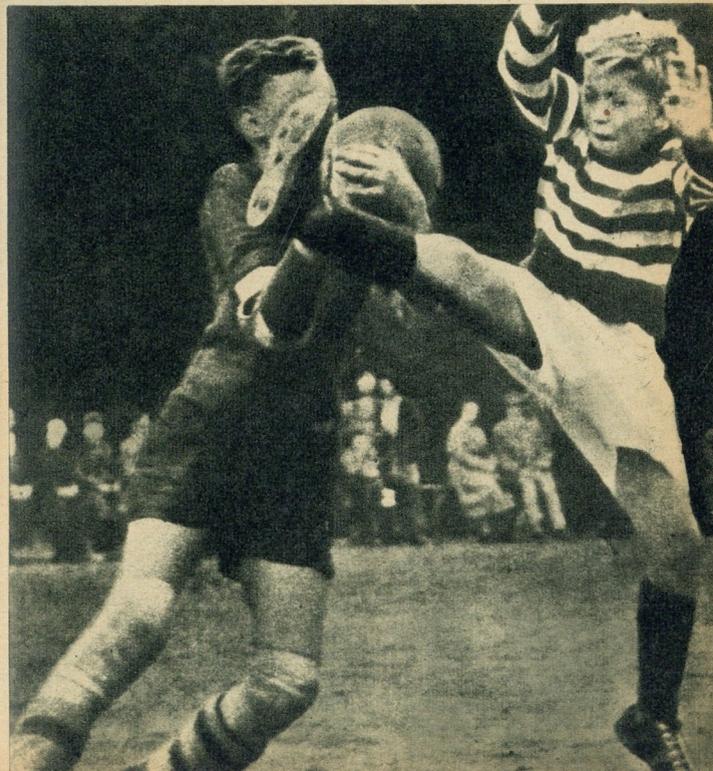
Sapatos de ténis com pitons

Escolas de jogadores ou infantis? Na luta pela bola, o pequeno guarda-redes e o não maior avançado-centro intervêm com idêntico destemor. Nenhuma intenção má se nota em seus gestos, pois a conquista da bola é o seu único objectivo... Os dirigentes checoslovacos, que orientam estes jovens jogadores previram tudo, para evitar as consequências dos choques violentos. Repare-se, com efeito, que os rapazes calçam sapatos de ténis, aos quais foram adaptados pitons especiais.

É deste modo que se encara o dia de amanhã e se forjam vedetas.

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.

RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958



O GUARDA-REDES

com... cara de bola!...



Foi no decorrer do treino entre a selecção militar e o Oriental que o caso aconteceu.

Quando o guarda-redes Soares se fazia a um lance a objectiva colheu-o na singular posição que se pode verificar o rosto tapado pela bola, sobrepondo-se nesta o boné... Daí a exclamação da camarada, ao revelar o rolo de películas:

— Ena! Este «keeper» tem cara de bola!...



Mas, que mal fiz eu?

Não! Carlos Silva não voltou a ser expulso. Pelo contrário: tem-se portado com correcção inexcedível, na medida em que o seu valor técnico se está a impor.

Concordemos que para o seu «caso» — jogos de suspensão, dezenas de jogos em duas épocas — estava a concorrer o mau olhar dos árbitros.

Na foto que reproduzimos, Carlos Silva — expulso durante o jogo com o F. C. Porto devido a despique com Jaburu — parece afirmar:

— Mas que mal fiz eu? Só me encostei a ele...

O que lá vai, lá vai — e o que é preciso, agora, é não dar mais azo a questões inúteis com quem quer que seja. Só assim poderá ser útil ao seu clube e a si próprio — que Carlos Silva é dos bons jogadores portugueses, «pau para toda a obra», que nunca regateia o seu esforço generoso, seja em que circunstância for.

OS TRÊS MOSQUETEIROS DO PUGILISMO ALEMÃO

Desde Max Schmeling — o homem que venceu Joe Louis mas que pagou cara a ousadia — que a Alemanha não mais brilhou no firmamento pugilístico. Tem, agora, porém, três jovens que são considerados autênticas «esperanças», mas em pesos médios. Trata-se de Max Resch, Bubi Scholz e Hans-Werner Wohlers — os «três mosqueteiros» do pugilismo germânico da actualidade.

Ei-los em três curiosas atitudes: Max Resch a desembulhar as prendas que lhe ofereceram; Scholz a treinar-se... à «cow-boy»; e Wohlers a pular de contentamento, depois de uma vitória-relâmpago em que quase não foi preciso despir o roupão...



Hans-Werner Wohlers



Max Resch



Bubi Scholz

Recentemente em Hanover, a Alemanha Ocidental recebeu a equipa Húngara de futebol, a quem bateu por 1-0.

Tinha, este encontro, algo de sensacional e convém recordá-lo pois não foi um encontro qualquer. Tratava-se, nada mais nada menos do que o desafio-desforra, três anos mais tarde, de um outro realizado em Junho de 1954, na Suíça, e em que os alemães, numa tarde feliz, bateram, contra toda a expectativa, os magiars e se sagraram Campeões do Mundo.

OS CAMPEÕES DO MUNDO FIZERAM JUZ À VITÓRIA DE 1954 BATENDO NOVAMENTE A HUNGRIA



direita, observando-o está Eckel), esteve anunciado na equipa germânica, mas, à última da hora acabou por ser substituído.



Ora, este encontro de Hanover, que teve a presenciá-lo cerca de 90 mil pessoas (foto 1) e para o qual os húngaros se haviam preparado bem (foto 2), viu a Alemanha ganhar de novo, com um golo do impetuoso Kerbassa (foto 3), que deixou Grosics e Berendi (foto 4) absolutamente anulados.

Diga-se, para terminar, que, das «vedetas» presentes no «Mundial» de 54 só estiveram em Hanover os magiars Grosics, Bozsik e Hidgkuti e o alemão Eckel, à direita. Fritz Walter, que se vê à esquerda da foto 5 (à



A fada britânica do gelo



Esta é a grande vedeta da patinagem artística britânica sobre gelo, a encantadora Diana Lyster. Triunfou recentemente, em Wembley, nas suas evoluções maravilhosas! Entre duas exhibições para se aquecer, Diana, aconchegadinha ao seu «vision», toma uma taça de chá. A perninha marota é que espertou por entre o elegante abafo — fazendo o fotógrafo disparar imediatamente...

Não há melhor esgrimista que a Zabelina...



Uma figura juvenil, um rosto encantador, uma rapariga feliz! Trata-se da russa Alexandra Zabelina, que depois de ter ganhado o Campeonato Mundial de Florete, realizado em Setembro último, em Paris, acaba de sagrar-se campeã do seu país na mesma arma.

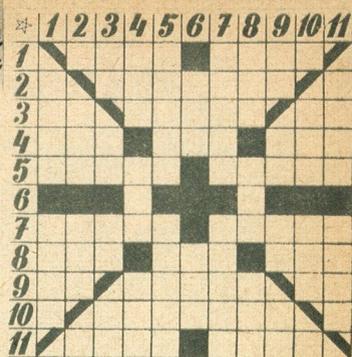
DESPORTO MENTAL



PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: 1—«Internacional» do Sporting; aves pernaltas africanas. 2—Jogador que já recebeu um prémio de correcção. 3—Nota musical; laço; cidade da antiga Caldeia. 4—Pau-ferro; escudeiro; pássaro. 5—Jogadores do Torriense e do Atlético. 7—Vasto; jogador do Barreirense. 8—Elogio; oceano; gemidos. 9—Viração; jogador do Belenenses; símbolo químico do alumínio. 10—Modalidade desportiva. 11—Iguaria; dificuldade.

Verticais: 1—Semelhante; subir. 2—Liga; maior. 3—Unico; nota musical (ant.); utensílio. 4—Óxido de cálcio; dialecto românico, falado no Norte de França; igual. 5—Cantigas; esquece. 6—Jogador do Salgueiros; pedra do altar. 7—Fenol que se extrai da essência do timo; custo. 8—Liga; antigo internacional espanhol; sadias. 9—Campeão; símbolo químico da prata; prep. e art.; art. pl. 10—Bago; parede. 11—Argila arenosa; capital europeia.



XADREZ

5 Problemas distinguidos no torneio da British Chess Federation-1950.

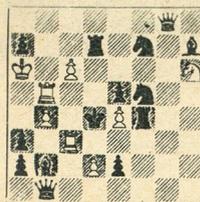


Mate em dois lances.

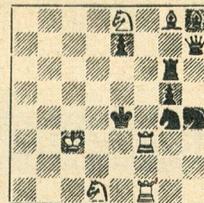


Soluções na página 21

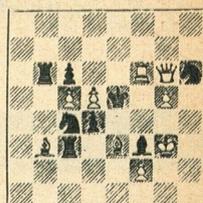
C. Sheppard (Est. Unidos)



E. Holladay (Estados Unidos)



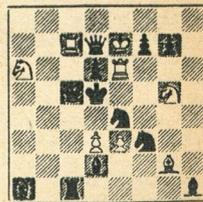
L. Larsen (Dinamarca)



Bonavia-Hunt (Inglaterra)



F. Kiss (Hungria)



CURIOSIDADES DA FILATELIA DESPORTIVA

Em 1931, emitiram-se com intervalo de poucos dias selos desportivos em dois países: Roménia e Bulgária. Reservamos a referência deste último para o próximo número, e reproduzimos hoje os selos romenos — os primeiros de índole desportiva (mas não de competição) daquele país.

Trata-se da série de cinco valores emitida em 12 de Setembro de 1931 e consagrada à Exposição de Escutismo de Bucareste. O primeiro e o último dos selos representam o príncipe Nicolá e o Rei Carol II com os uniformes de escutistas.

O seu valor é igual: 150 liras cada um. Série completa: 700 liras (35\$00 aproximadamente).

As sobretaxas indicadas na parte inferior das estampilhas reverteram em benefício da organização de escutismo.



Olha o balão!... (ou "o Sputnik"...)

Curiosa esta movimentada fase de futebol entre húngaros e noruegueses (faixa branca larga nas meias, estes). Que procurarão os jogadores? A bola? Ou estarão interessados pela passagem do «Sputnik»?

É, pelo menos, o que poderemos supor, se atendermos à posição de todos os jogadores, excepto a do guarda-redes norueguês, cujo olhar faz crer que a bola passou ao lado do seu poste direito

Acontece cada uma no futebol.



À DIREITA:

Chico Vejar e Pat Mauzi em fato de noite... e luvas de boxe.

Antes do combate de boxe que travaram em Atlantic City, E. U. A., os médios Chico Vejar (à esquerda) e Pat Mauzi, encontraram-se num restaurante em fato-de-noite e como bons camaradas, mesmo assim vestidos, fizeram ligeira demonstração para os amigos, e provavelmente, com intuítos publicitários.

Mas, quando em seguida subiram ao «quadrilátero da luta», os «punhos de renda» desapareceram e em seu lugar ficaram



PROTOCOLO ... E MURROS...

as luvas de boxe, que, cada qual, procurou empregar o melhor que lhe foi possível. Chico Vejar que ganhou, o combate aos pontos, foi o menos formal dos dois pugilistas e ao aplicar esta esquerda a Pat, parece dizer-lhe: «Desculpa-me», não me leves a mal...

A comparação das fotos é pouco lisonjeira para a «nobre arte». Em cima, vemos dois rapazes perfeitamente apresentáveis. Em baixo, parecem dois rufiões batendo-se selvaticamente.

Que contraste... não concorda leitor?

À ESQUERDA:

Vejar e Mauzi despiram-se do seu aspecto de homens civilizados e esmurram-se valentemente.



Sabe que equipa é esta?



Eis aqui uma equipa de argentinos (apenas dois jogadores são espanhóis) que participou numa homenagem a um dos que se vêem nesta foto: de pé — Forneri, Imbelloni, Di Pace, Callichio, Mesiano, Benitez, Longo, Rinoldi, Lobato. À frente: Pavon, Pellejero, Perez, Oscar, Garófalo, Pagola e Fantin.

Pergunta-se: 1) Quem era o homenageado? 2) Quem são os jogadores espanhóis?

ESTA SEMANA

FAZEM ANOS...



Lourenço — um jogador arredado por um acidente e não pelos seus 38 anos.

Fevereiro — mês pequenino — tem, por sinal, muitos aniversariantes, entre os «ases» da «bola».

Esta semana assinalamos nada menos de seis.

Os primeiros são Amadeu e Luz, que fazem anos na quinta-feira.

Amadeu Antbal Varejão Neves Balaia completa 30 anos, pois nasceu em 6 de Fevereiro de 1928, em Leça de Palmeira. Começou a jogar no Leça F. C. em 1946-47, em 1953-54 passou para o Leixões, e daí ao Boavista.

Mário Terreiro da Luz nasceu em Lisboa em 6 de Fevereiro de 1932, pelo que prefaz 26 anos. Desde 1949-50 que representa o Oriental (júnior, duas épocas).

Na sexta-feira fazem anos três futebolistas. O mais velho merece uma citação especial. Trata-se de **Miguel Lourenço**, o «internacional» que se encontra inactivo não pela idade, apesar de ir comemorar o 38.º aniversário, mas por ter sofrido um acidente num campo de futebol, sem que recebesse a assistência que se impunha, por parte da organização futebolística, ou seja a F. P. F., através do seu Centro de Medicina. **Miguel Lourenço** nasceu em 7 de Fevereiro de 1920 em Vila Franca de Xira e representou sucessivamente o Lusitano de Évora em 1937-38, o Benfica, em 1939-40 a 41-42, e o Estoril Praia, de 1942-43 até sofrer o aludido acidente, há quase um ano.

Os outros aniversariantes são:

António Joaquim Caraca, nascido em Évora, em 7 de Fevereiro de 1932. Faz 26 anos e os clubes que representou foram: 49-50 — Juventude (júnior); 50-51 e 51-52 — Benfica; 52-53 e 53-54 — V. Guimarães; 54-55 em diante — Lusitano de Évora.

Augusto Rocha nasceu em S. Lourenço (Macau), em 7 de Fevereiro de 1935, pelo que prefaz 23 anos. Veio para o Sporting em 1954-55, e desde 1956-57 que pertence à Académica de Coimbra.

Finalmente no sábado festeja o 32.º aniversário mais um jogador orientalista: **João Capelo Mendes**. Nasceu em 8 de Fevereiro de 1926 e começou a sua carreira nos juniores dos Fósforos em 1943-44. Com a fundação do Oriental passou a representar este clube.



Rocha



Caraca



Luz



Nova pérola negra do futebol francês

Ainda não há muito tempo tivemos ocasião de focar aqui o enorme contributo que as Áfricas Equatorial e Ocidental francesas estavam prestando ao futebol metropolitano de além-Pireneus.

Pois chegou a Paris nova vedeta do esquadrão negro. Trata-se de Amadou Wade, que vemos aqui a equipar-se, bem sorridente e expectante.

Wade estreou-se no Stade Français e, desde logo, tornou-se o ídolo do clube parisiense e seu principal marcador de golos.

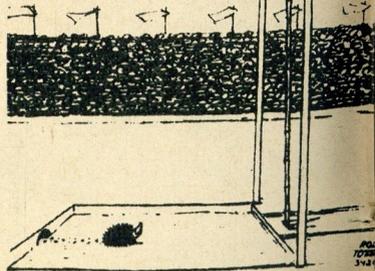
Lá se foram os fósforos!...

Não só a selecção nacional esteve em Milão. Também já lá esteve a equipa do Benfica, por causa da Taça Latina. Foi num passeio pelas ruas da capital nortenha da Itália, que se deu a cena.

Zezinho puxou por um cigarro, colocou-o entre os lábios, e quando pretendia acendê-lo é que concluiu, depois de rebuscar nos bolsos que... se tinha esquecido da caixa de fósforos em Lisboa.

— E, agora, como se dirá fósforos em italiano?! — parece meditar o Zezinho.

INTERVALO
PARA SORRIR

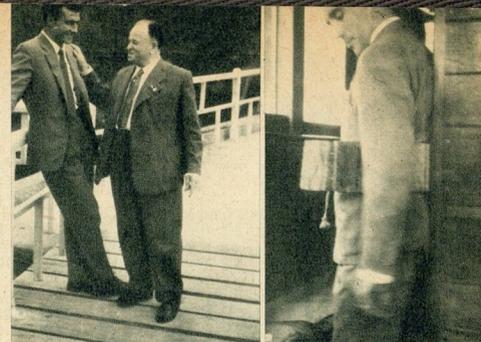


SEM PALAVRAS

Recordações

de

viagem



Sabiam que o «Xico» Calado, além de ser «pau para toda a obra» na equipa do Benfica, é também fotógrafo amador? E com sentido de reportagem, diga-se de passagem...

Eis como ele surpreendeu em amena conversa o colega **Costa Pereira** e aquele dedicadíssimo sócio do Benfica — Agostinho Paulo — que tem acompanhado o Benfica nas suas digressões às Américas, embora nunca assista aos desafios, pois prefere «sofrer» nas cabinas...

A outra foto — a do Ângelo — ainda é mais flagrante. Na travessia da baía de Santos, para uma ilha onde a comitiva benfiquista foi almoçar, o Ângelo só se sentiu em segurança, no barco, quando lhe deram um cinto flutuante...



Por fim, vemos **Ca- vem** e **Zezinho** junto de dois pequeninos admiradores que surgiram no aeroporto de S. Paulo com chapéus iguais aos que traziam alguns atletas do Benfica.



UM GRANDE ATLETA NO CIRCO...



O famoso circo Medrano, de Paris, apresentou na capital francesa um novo espectáculo que atrai numeroso público.

Um dos **clous** do programa é o acrobata e malabarista chinês Li Chang, que a imagem representa, num alarde das suas excepcionais qualidades artísticas e físicas.

Em equilíbrio sobre uma das mãos, Li Chang, de cabeça para baixo, sustém, com a outra, duas finas varas, na extremidade das quais dançam dois pratos.



O bigode de MEKOUFLI ameaçado por um alicate...

Os já famosos e nossos conhecidos futebolistas do Saint-Etienne, Mekloufi e N'jo Léa, que actuaram na época passada em Lisboa, são dois amigos inseparáveis e que muito têm contribuído na época que decorre, para o «record» estabelecido no futebol francês e certamente mundial e que consta de 15 em-pates, doze dos quais seguidos, em 19 jornadas, o que colocou o St. Etienne em 4.º lugar na classificação, a três pontos do «leader», o Reims.

Esta imagem, focada minutos antes de um encontro, pode querer dizer que N'jo Léa, à direita, explica a Mekloufi que a melhor maneira para ele voltar à equipa da França, será a de arran-car o bigode. É o que N'jo Léa se propõe fazer... com um alicate!...

A Rússia precisa de 30.000 treinadores

— afirma KOROBKOV, um dos seus dirigentes desportivos



Gabriel Korobkov

Notemos, porém, que a população da União Soviética está computada em cerca de 200 milhões de pessoas...

Para Korobkov, é nas Escolas, Institutos e Universidades que a Rússia irá recrutar a elite dos seus atletas (o que já hoje sucede), mas que é indispensável maior cooperação dos directores e reitores desses estabelecimentos de ensino. Afirmou que a Universidade de Moscovo pode apresentar uma equipa de atletismo de grande categoria internacional, se for convenientemente treinada.

Gabriel Korobkov opinou também que está reservado à medicina desportiva uma missão de relevo no progresso dos desportos e bem-estar dos atletas, sobretudo no capítulo da fisioterapia e vibro-massagem. O dirigente russo aludiu, como exemplo, o caso dos Estados Unidos que enviaram aos Jogos Olímpicos de Melbourne uma grande equipa de médicos especializados e com excelente material.

Afirmou, por fim, que a Rússia não se deve deixar ultrapassar e perder a posição destacada que desfruta no campo desportivo, pois não lhe faltam possibilidades para tanto.

Este é Katschalin, seleccionador nacional de futebol da Rússia, surpreendido num momento de perplexidade. Segundo afirmou uma revista alemã, Katschalin anda preocupado a respeito da equipa que terá de apresentar em Estocolmo, na final do campeonato de futebol.

A despeito das vastíssimas possibilidades de recrutamento (a Rússia tem dois milhões de jogadores de futebol...), a selecção russa não parece capacitada de vir a ganhar o título. Foi com certa dificuldade que foi apurada para a final, o que veio a registar-se em desafio-desempate com a Polónia. Todavia até Junho ainda decorrerá muito tempo, e Katschalin está confiado em debelar certa crise que afligiu o futebol soviético em 1957.



A DANÇA DOS JOGADORES E TREINADORES

Em poucos anos, quanto não muda uma equipa de futebol! É o treinador que muda de uma época para outra, são os jogadores que trocam de camisola, como qualquer camisa...

Porquê? Desapego dos atletas? O comercialismo do futebol levado ao exagero? Não sentem os jogadores a camisola que representam e jogam onde lhes pagam melhor?

Cremos bem que será menos qualquer dessas razões, sabido que em Portugal, salvo raras excepções, os futebolistas não se transferem livremente. E na maioria das vezes é porque são dispensados — é porque assiste aos clubes e às suas massas associativas um desejo insaciável de renovação, de progresso. Dispensam-se jogadores, por fraco rendimento, pela idade, por mil e uma razões — e contratam-se outros aos quais se vai achar os mesmos defeitos.

Não é uma censura. O futebol é uma coisa tão bela, tão apaixonante, que nos dá a todos — jornalistas, dirigentes, jogadores, técnicos e espectadores — o direito de sermos indulgentes, compreensivos, humanos, para com estes e outros fenómenos, como seja o da «psicose da dança dos jogadores e dos treinadores»...

O que aconteceu, para redirmos estas breves linhas, à guiza de introito, foi apenas um acaso: três ou quatro fotografias que se juntaram e que têm de comum o pormenor de quase todos os fotógrafos já terem mudado de clube.



ERAM SEIS — Só ficou... UM

Eis um sexteto da equipa do Torriense, que fez furor há duas épocas. Dos seis só um permanece no clube: o defesa Fernandes que, aliás, viera nesse ano, do Benfica. Ao lado está Gama (agora na Cuf, Tellechea, treinador sem clube; Fernando e João Mendonça, ambos no Braga e Gonçalves no Peniche).

Eis os destinos diferentes de seis homens que grandes momentos viveram em Torres Vedras.

ERAM CINCO «LEÕES» — E SÓ O «MALHOA» CONTINUA A SE-LO

Eram cinco «leões», porém, o tempo não se compadece e... Assim, dos cinco só ficou um. O treinador Scopelli foi para Espanha onde treinou o Celta de Vigo e agora o Atlético de Madrid; Galileu foi para o Torriense; Barros está em Guimarães; e Rocha na Académica. Só Vasques — o Malhoa — permanece no Sporting, onde continua a brilhar com fulgor mais cintilante que nunca!



QUINTETO AVANÇADO QUE SE DESEZ

Este era o quinteto lusitanista há dois anos: Batalha, Vieira, Patalino, Caração e José Pedro. Sairam: Vieira e Patalino e Batalha passou para esquerda, José Pedro para interior (quando jogam ambos), e entraram Flora e Cardona — quando não se ensaiam outras variantes, no que o Lusitano é fértil, pois utilizando até aqui dezena e meia de jogadores, o treinador Bumbel, dispo do as peças a seu baltalento, tem conseguido assim jogar o seu «xadrez» no Campeonato...



DOS QUATRO — UM JÁ REGRESSOU...

Encontraram-se, os quatro, em Alvalade, em 3 de Setembro de 1956, num jogo Sporting-Porto. Quatro patricios, que no curto espaço de tempo que mediou entre o intervalo e o recomeço do encontro, aproveitaram para «bater o papo», como eles dizem, recordando talvez a pátria distante...

No entanto não é fácil a cena repetir-se mormente em Lisboa pois o popular Miltono já regressou ao Rio de Janeiro e ao seu bairro de Nitêroi.





Muñoz, «capitão» do Real Madrid, sorridente, recebe das mãos do Generalíssimo Franco a «Taça dos Campeões da Europa» de 1955-56



O REAL MADRID

conseguirá ganhar pela 3.^a vez consecutiva a "Taça dos Campeões Europeus"?

A «Taça dos Campeões da Europa» foi sem dúvida uma das realizações futebolísticas que mais interesse despertaram entre os adeptos da modalidade. Iniciada há três épocas, por feliz sugestão do grande diário desportivo francês, «L'Equipe», a competição tem posto à frente as melhores equipas de clube da Europa, consequentemente os melhores jogadores de futebol, também.

Na primeira época em que se disputou a «Taça dos Campeões da Europa» foram convidados dezasseis clubes. No segundo ano, porém, foram vinte e um clubes, e no torneio ainda em curso intervieram vinte e três campeões das 32 nações filiadas na U. E. F. A.

O «Real Madrid» triunfou nos dois primeiros anos e na sua qualidade de detentor do precioso troféu está automaticamente qualificado. É um dos favoritos, todavia a sua boa «estrela» empalideceu ultimamente. A série de quatro jogos no campeonato espanhol, em que apenas conseguiu um empate, causou alarme nas populações falanges «real-madrilenas».

Depois, contra o Sevilha (só a contar para o campeonato espanhol), conheceu

novó revés — compensado dias depois com uma sensacional vitória por 8-0 contra o mesmo Sevilha, então já a contar para a Taça dos Campeões. Foi bem um triunfo correspondente aos créditos de campeão.

As próximas intervenções do famoso campeão da Espanha serão observadas com um cunho de ansiedade. De facto, a verificar-se novo triunfo do Real Madrid, tal feito alcançaria enorme repercussão em todo o Mundo e constituiria uma das mais belas páginas do futebol espanhol.

A CARREIRA DOS CLUBES APURADOS PARA OS QUARTOS DE FINAL

Para os «quartos de final» da «Taça dos Campões da Europa» encontram-se já apurados 8 clubes, que tiveram a seguinte carreira:

* Manchester United (Inglaterra): venceu o Kudla (Checoslováquia) na primeira mão, por 3-0 e perdeu o segundo jogo por 1-0 (total: 3-1 a favor do Manchester).

* Ajax (Holanda) venceu o Wiçimut (Alemanha Oriental) por 3-1 na primeira mão e 1-0 na segunda (total: 4-1 a favor do Ajax).

* Red Star (Jugoslávia) venceu o Norrköping (Suécia) por 2-1 no primeiro jogo e empatou o segundo por 2-2 (total: 4-3 a favor do Red Star); Vasas (Hungria) empatou na primeira mão a um tento com o Young Boys (Suíça), e ganhou o segundo jogo por 2-1 (3-2 a favor do Vasas).

* Real Madrid (Espanha) triunfou nos dois jogos que disputou com o Antuérpia (Bélgica), respectivamente por 2-1 e 6-0 (8-1 a favor do Real Madrid).

* O Milão (Itália) saiu vencedor dos seus dois jogos com o Glasgow (Escócia) pelos expressivos resultados de 4-1 e 2-0 (6-1 a favor do Milão).

* Borussia Dortmund (Alemanha Ocidental) venceu o primeiro jogo contra o C. C. A. Buscuret (Roménia) por 4-2 e foi derrotado no segundo por 3-1 (empatados a cinco golos).

No jogo-desempate triunfou o Borussia Dortmund.

* Finalmente o Sevilha (Espanha) derrotou o Aaahus (Dinamarca) por 4-0 no primeiro jogo que disputaram e perdeu a repetição por 2-0 (total: 4-2 a favor do Sevilha).

CALENDÁRIO DOS «QUARTOS DE FINAL»

14 de Janeiro — Manchester-Red Star (2-1); 23 de Janeiro — Real Madrid-Sevilha (8-0); 5 de Fevereiro — Red Star-Manchester e Ajax-Vasas; 12 de Fevereiro — Borussia-Milán; 26 de Fevereiro — Vasas-Ajax; 6 de Março — Sevilha-Madrid.



A euforia da vitória. Após o seu brilhante triunfo por 3-0 na meia-final da «Taça» de 1956-57 sobre a forte equipa inglesa Manchester United, Rial e Mateos, saltam de contentamento

O NÚMERO DE CLUBES QUE DISPUTAM OS CAMPEONATOS DE DIVERSOS PAÍSES

Os campeonatos nacionais dos países que disputaram mais vezes a «Taça dos Campeões Europeus» englobam o seguinte número de concorrentes:

Inglaterra	22
Escócia	18
Itália	18
Suíça	18
Holanda	18
Bélgica	16
Espanha	16
Alemanha (Oc.)	16
Alemanha (Or.)	14
Áustria	14
Jugoslávia	14
Portugal	14
Roménia	12
Checoslováquia	12
Suécia	12
Hungria	12
Dinamarca	10

Os franceses sonham em destronar

TONI SAILER...



Toni Sailer, o grande e incomparável esquiador austríaco, que na sua prática se tornou uma das mais populares figuras, enveredou por uma nova carreira — a de «astro» cinematográfico. Quer dizer: é O Alves Barbosa da Áustria... Não faltam a Toni Sailer predicados físicos susceptíveis de agradar às «fans» da tela, nem desembaraço, certa habilidade e vontade de acertar. Estas duas fotos mostram que Sailer também sabe cantar, e, noutra, uma cena do filme, em que casa com a «estrela». O título do filme é sugestivo: Um pedaço de céu... Parece que Toni Sailer não tem pensado muito nas responsabilidades que o seu título confere...

(...agora transformado em "astro" do cinema!)

Depois de prolongado treino nas pisfas dos Alpes italianos, mais propriamente em Cervinia, a equipa francesa de esqui passou cerca de uma semana no Vale do Isue, onde tomou parte no «Critério da Primeira Neve».

Todavia, a «partida» para a época internacional de esqui foi dada em Alpe d'Huez, por ocasião da «Taça Livacie» e continuou sobre as pistas de Grindelwald, Weugen e Kitzbul.

No entanto, o grande momento chegará em Fevereiro, de 2 a 10, pois nessa data se dispu-



Estes são os «ases» esquiadores da França — favoritos pelo menos como equipa



tarão, em Bad-Castein (Austria), os Campeonatos do Mundo.

A França, uma das favoritas por equipas seleccionou Guy Périllat, François Bonlieu, Panisset, Bozon, Teresa Leduc e Daniela Tellinge. E nesta famosa turma têm os franceses as maiores esperanças.

SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS DESTE NÚMERO

PALAVRAS CRUZADAS — Horizontais: 1. Juca, tuas. 2 — Martins. 3 — Fã; liame; Ur. 4 — Itu, alo; ave. 5 — Matos; Legas. 7 — Amplo; Pinto. 8 — Loã; mar; ais. 9 — Ar; Pires; al. 10 — Natação. 11 — Puré; osso. Verticais: 1 — Afim; alar. mor. 3 — Um; ut; pá; nu. 4 — Cal; oil; par. 5 — Arias, Omite. 6 — Tai; ara. 7 — Timol; pre-co. 8 — Une; Epi; sãs. 9 — As; ag; na; os. 10 — Uva; tia. 11 — Cres; Oslo.

XADREZ — E. H.: Tf8; L. L.: Tf4; C. S.: Tb-c5; N. B.: Bc3.

FOTO ENIGMA — 1) Benitez; 2) Os dois guarda-redes, Pavon (extrema esquerda, ajoelhado) e Lobato (extrema-direita, de pé).



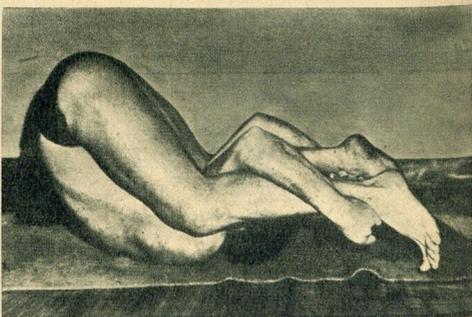
O ciclista FORESTIER — adepto do Hata-Yoga

O Hata-Yoga é uma modalidade de cultura física muito em voga nos países orientais, mas que chegou há já algum tempo à Europa e logo conquistou vários e fervorosos adeptos.

Um dos seus mais entusiastas praticantes é o ex-campeão velocipédico francês (estrada), que encontrou no Hata-Yoga um dos meios mais extraordinários para efectuar a sua preparação física com vista à nova época ciclista.

Ei-lo em alguns desses complicados exercícios.

Oxalá que a sua bicicleta não o queira imitar e não fique feita num 8, como se afigura Forestier nalgumas das suas esquisitas contorções.



ERAM CINCO CLUBES A CAÇA DE VAZ, MAS QUANDO ELE SE DECIDIU E FEZ O PRIMEIRO TREINO, FRACTUROU UM PÉ E JULGOU-SE LIQUIDADO PARA O FUTEBOL...



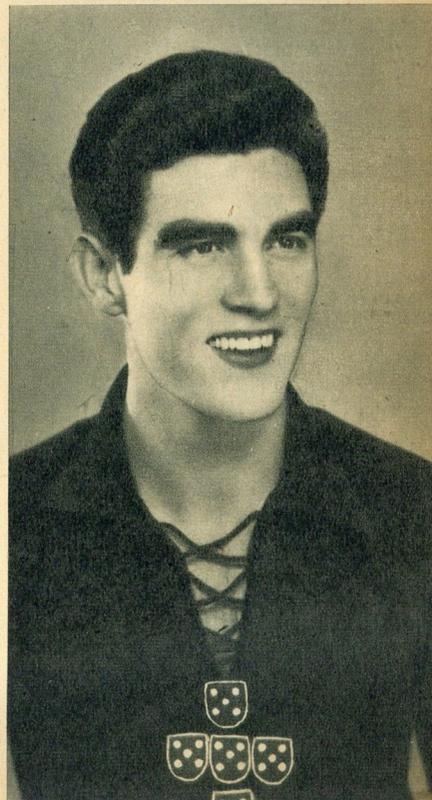
apresenta a história de

V A Z

categoria jogador

do Vitória de Setúbal

NA CAPA: Artur Vaz, no jogo Portugal-Austria, em que eclipsou Probst, o «papão» que em Viena nos marcou cinco golos...





Havia vinte anos ou mais, que o Vitória de Setúbal não dava um jogador à seleção nacional de futebol. Coube a Artur Paulo de Assunção Vaz a honra de ser o primeiro jogador da moderna geração a substituir a camisola listrada de verde e branco do glorioso Vitória pelo «jersey» das quinas.

Houve quem lamentasse, há algumas semanas a ausência do médio «vitoriano», na seleção nacional que actuou no estádio de S. Siro, em Milão. Prova evidente que o esguio futebolista do V. Setúbal mantém intactas as suas faculdades — circunstância tanto mais de assinalar quanto é certo que a sua equipa tem tido uma carreira irregular no campeonato em curso.

Sabíamos que Artur Vaz tem uma história bastante curiosa e por isso lhe pedimos para a contar aos leitores de «Crónica Desportiva». Eis-la, pois:

PRIMO DIREITO DO FELIX, DO BENFICA

— Nasci em 3 de Abril de 1925, no Barreiro — principiou — E no Barreiro, todo o miúdo que se preza sabe jogar à bola. Eu procurei não degenerar...

— Tem na família, algum desportista? O pai, por exemplo. Irmãos...

— Meu pai era músico e que eu saiba nunca se dedicou ao desporto. Tenho apenas uma irmã que também nunca se preocupou com isso. Mas meu tio Gil foi um cotado jogador de basquetebol e o Félix, do Benfica, é meu primo direito. A mãe dele é irmã da minha mãe. Temos um apelido comum: Assunção. Eu sou Assunção Vaz e ele Assunção Antunes.

Explicado este parentesco, interrogamos o médio do V. Setúbal sobre a sua vida escolar.

— Frequentei a escola até aos onze anos, e entre os meus colegas de então, recordo-me do Vasques, que está no Sporting, Aureliano e Corona.

EM CIMA:
Em viagem, no tempo em que jogava ainda na Cuf

AO CENTRO:
Jogando a avançado-centro da Cuf

EM BAIXO:
Golo contra o Casa Pia!



Integrado num «team», designado por «Racing», e que disputou vários jogos particulares. Vaz é o que está ajoelhado, à esquerda

— Fez parte da escola de jogadores da Cuf, como o Vasques?

— Não. Eu e o Corona começamos a jogar no «Escolar» — um clube popular do Lavradio, que existe ainda, e que nada tem que ver com qualquer escola.

POR CAUSA DE UMAS BOTAS SUJAS DE CAL, VAZ NÃO FOI JOGADOR DO BARREIRENSE

— Teria uns doze anos quando comecei a jogar no «Escolar». Não havia limites de idade. «Quem tinha unhas é que tocava guitarra» — prosseguiu Vaz. E adiantou:

— Aos 14 anos comecei a trabalhar numa fábrica de cortiça. Manejava uma máquina, tão bem ou tão mal, que tenho ainda hoje, nas mãos, sinais dos golpes sofridos...

— Quanto ao futebol, interrompeu a prática:

— Não continuava a jogar aos domingos, onde caíhase só mais tarde, com 18 anos, comecei a jogar oficialmente.

— Nesse caso, nunca foi júnior!

— Não. Podia tê-lo sido no Barreirense...

— E não foi porquê?

— Por causa de uma insignificância: umas botas sujas de cal!

— Essa é boa! Como foi isso?

— O caso foi este: António Pina, dirigente do Barreirense convidou alguns rapazes do «Escolar», entre eles eu e o Corona a irmos aos treinos do seu clube. Assim fizemos.

E prosseguiu:

— Fizemos alguns treinos e um dia o encarregado das cabinas deu-me umas botas sujas de cal. Pedi outras mas a resposta foi: «Se quiseres, levás estas, se não vais descalço!»

— Mal sabia ele que você chegaria a «internacional»... — comentamos.

— Não gostámos da resposta e resolvemos irmo-nos embora. Para nunca mais voltar!

— E depois?

— Só na época seguinte comecei a jogar oficialmente. Eu e mais quatro ou cinco dos jogadores que não tinham querido ficar no



mio de vitória nos primeiros tempos de jogador? Meia cerveja!

—Meia?!
—Sim. O prémio normal era um pirolito. Eu e Corona preferíamos cerveja e tínhamos direito a uma — para os dois...

—Quantos anos esteve no Luso?
—Quatro.

—No Luso começou a ser conhecido por «Finho», por quê? —interrogamos.

—Era muito magrinho e alto. O treinador—o antigo «internacional» Soeiro—chamava-me «Finho» e a alcunha vingou, sobretudo no Barreiro.

—Quando começou a notabilizar-se no futebol?

—Ao cabo do segundo ano comecei a receber convites para jogar noutros clubes. O primeiro do Sporting, por intermédio do Soeiro, o meu próprio treinador, que, como se sabe, é todo «leão».

VAZ TREINOU NO SPORTING E NO BENFICA

—Artur Vaz contou-nos, então, como decorreram as suas primeiras tentativas para jogar num grande clube:

—Soeiro levou-me, mais o Corona, a um treino do Sporting. Era Cândido de Oliveira o técnico dos «leões» nessa altura. Havia muitos jogadores à experiência. Eu fiquei para o fim. O Corona é que entrou e logo agradou. Eu só treinei uns cinco minutos porque o logo acabou a seguir.

Vaz acende o cigarro semicerra os olhos e continua a narrativa:

—Fiquei de voltar. Mas alguém —(não me recordo quem nem como) apresentou-me ao sr. Bogalho, dirigente do Benfica. Fui a um treino, alinhiei a médio de ataque, e agradei.

—E o Sporting?

—Nunca mais lá fui. Um dia o Soeiro perguntou-me porque não ia ao Lumiar. «Ando a treinar no Benfica, respondi».

—Soeiro deve ter ficado aborrecido...

—Ai, não! Parece que estou a ouvi-lo: «Pois, então, eu tenho tido um trabalho contigo e agora queres ir para o Benfica. Tu precisavas era duas bofetadas!

Vaz prosseguiu:

—Tinha-lhe muito respeito e fiquei até envergonhado de não lhe fazer a vontade, mas a verdade é que eu via o Benfica mais interessado que o Sporting, que não me tinha ligado nenhuma...

A HISTÓRIA IGNORADA DO MALOGRO DA TRANSFERÊNCIA PARA O BENFICA

—Mas não ficou no Benfica. Porquê?
—Porque o Luso não consentiu. Pediu 100 contos e o Benfica não queria dar mais do que 20, que fora quanto dera pelo Corona!

E acrescentou:

—O que pouca gente sabe é porque Corona foi dispensado por 20 contos e eu não. É que Corona ia para a tropa e de qualquer maneira não jogaria nessa época no Luso. Comigo, o caso era diferente. Eu não tinha de cumprir serviço militar e só queria dispensar-me por bom dinheiro.

—Qual foi a atitude que o Vaz tomou?

—Fiz ver aos directores do «Luso» que estavam a prejudicar a minha carreira. E declarei que não mais jogava no clube, e assim fiz.

—Deixou de jogar futebol?

—Por uns tempos. Alberto de Freitas fez-me um convite para eu ir para o Belenenses. Andei também pela Tapadinha e sei lá por onde mais. Eu pedia emprego, mas isso é que não me garantiam...

Artur Vaz e Ana Paula, a sua filha



Outro «team» particular, e que visitou os Açores, sob a designação de «Millionários». As fáticas e formação da equipa eram ideias dos próprios jogadores... Reconhecem-se: Vaz, Alvarez, Germano, Correia, Horácio, Rebelo e Valente Marques, Inácio, Ulisses, Rinoldi, Pinto de Almeida e Lenine

Barreirense ingressamos nas segundas categorias do Luso.

Com uma pontinha de orgulho revelou:
—Rapidamente subimos à reserva e ao primeiro «team» e quando fomos jogar com o grande Barreirense «ferrámos-lhe» 2-0!

PRÉMIO DE VITÓRIA NO LUSO: MEIA CERVEJA!...

- Recorda-se da estreia no Luso?
- Mal. Foi no Seixal e ganhamos salvo erro por 2-1.
- A que lugar jogava?
- Avançado-centro e interior.
- Era amador ou...
- Amador, pois! E sabe qual era o prémio?

O casamento de Vaz



EM CIMA:
O V. Setúbal na II Divisão! Jogo contra os «Leões de Santarém», na capital do Ribatejo, e que os setubalenses venceram por 7-1

AO CENTRO:
A equipa que venceu o V. Setúbal à II Divisão: Carvalho, Galaz, Graça, II Divisão: Carvalho, Galaz, Graça, Vaz, Jacinto, Primo; o massagista Henrique, Dimas, Nunes, Inácio, Melão e Serra

EM BAIXO:
No Estoril, tentando bater Sebastião

— Como resolveu a situação?
— Indo para a Cuf. Ali tinha emprego e equipa para jogar — e no Barreiro!
— Mas o Luso...
— Ah! Isso é outra coisa engraçada na minha carreira...

TROCADO POR BLOCOS DE CIMENTO!!

O que Artur Vaz nos contou excede a mais fértil imaginação a respeito de «bolsa de transferências»:
— O Eng.º Sousa, dirigente do Grupo Desportivo da Cuf, falou com cada um dos directores do «Luso» (na maior parte empregados na Companhia) um por um, isoladamente, e pôs-lhes o problema da minha transferência. Ao que parece cada um deles não era, pessoalmente, contra a transferência.

E continuou:

— Passou então a encarar-se a minha transferência. E passei para a Cuf nestas condições, segundo me disseram mais tarde: 7 jogadores da reserva da Cuf, 7 contos em dinheiro e uma porção grande de blocos de cimento para a construção do ginásio do «Luso»!

— Essa dos blocos de cimento deve ser inédita em todo o mundo!

— Talvez. Os sócios do «Luso» é que não concordaram. Houve assembleias, cartões rasgados, o diabo. O que me interessava é que passara a ter um futuro melhor: ofício de soldador e ordenado como operário e jogador.

PORQUE DEIXOU VAZ A CUF

— Da estadia na Cuf, lembra-se?
— Inquirimos.



À ESQUERDA, EM CIMA:
No estágio que antecedeu o jogo de passagem com o Oriental. Primo, Graça, Inácio, Galaz e Vaz vão à fonte...

A ESQUERDA, EM BAIXO:
Uma das homenagens prestadas à valorosa equipa do V. Setúbal que regressou à I Divisão por mérito próprio

— Até que...

— O caso constou e começou a aparecer emissários. O primeiro foi o Barreirense. Propunham-se arranjar-me emprego na C. P. — que isto de viver só do futebol foi coisa que nunca me agradou...

— E a Cuf autorizava a transferência?

— Eu previ logo que não, dada a grande rivalidade. Entretanto, outros clubes começaram a dar sinais de interesse. Sabendo disso, os homens do Barreirense não me

Vaz e Inácio — dois veteranos do V. Setúbal, que no campo nunca regateiam o seu esforço



— Tenho fraca memória para esses pormenores. Recordo-me apenas, talvez pela coincidência, pois já o fizera no «Luso», que me estreei contra o Seixal, num jogo particular.

— Quantas épocas esteve na Cuf e como decorreram?

— Duas épocas, que decorreram lindamente... até um mal entendido com o meu treinador.

— Qual e porquê?

— Artur John. Foi uma questão num treino, em que realmente não fui delicado, mas não ao ponto de insultá-lo, como um intriguista disse. Coisas que não vale a pena repisar. Certo é que Artur John deu a escolher, para ficar, ele ou eu, e em face disso deixei de comparecer aos treinos. Passaram-se ainda uns meses nesta situação indecisa...

largavam e só queriam ver-me na sede dele, que ali não me iam procurar emissários de outros clubes.

QUATRO AUTOMÓVEIS NO LAVRADIO.

Artur Vaz prosseguiu:

— Um dia, no Lavradio, onde eu morava chegara a ver-se quatro automóveis, com emissários do Sporting, Benfica, Belenenses e V. Setúbal.

— Decidiu-se pelo clube setubalense pelos vistos.

— Sim, mas o que me oferecia melhores condições era o Benfica: 40 contos. O Sporting (soube-o depois de eu já estar comprometido) dispunha-se a gastar 90 contos com a aquisição da carta.

— Mas por que preferiu o Vitória de Setúbal?

— Em primeiro lugar foi o seu presidente, Sr. Novais, que se mostrou mais desembaraçado. Este



EM CIMA:

O Mundo dá muitas voltas... Corona e Vaz, que foram colegas de escola, e depois adversários, voltaram a ser camaradas de equipa no V. Setúbal. Artur, do Benfica — um homónimo do «Fininho» — também quis ficar na fotografia

À ESQUERDA:

Boa recordação para Vaz. O V. Setúbal venceu o Benfica por 2-1

obtivera a palavra do presidente do G. D. Cuf em que dispensava a minha carta por 50 contos, e entregou-me imediatamente 30, como prémio da transferência. E assim, com 24 anos, ingressei no Vitória de Setúbal, do que não estou nada arrependido, diga-se de passagem.

POUCA SORTE QUASE INCRÍVEL

— Comecei, porém, por sofrer um grande golpe de azar. Logo no primeiro jogo que efectuei

À ESQUERDA:

A equipa do V. Setúbal que foi finalista da «Taca de Portugal»: Baptista, Vaz, Orlando, Jacinto, treinador Biri, Graça, Manuel Joaquim, Chalica, Inácio, Soares, João Mendonça, Pinto de Almeida e Fernandes



Artur Vaz antecipa-se a André, num jogo com a Académica

(na primeira vez que enverguei a camisola do Vitória) parti um pé. E de tal maneira que me julgaram liquidado para o futebol!

— Mas como se deu o acidente?

— Foi em Palmela. Brincava eu com a bola, passando-a para Vasco e Nunes, quando dei um jeito — e fracturei um osso do pé. O sr. Novais levou-me aos melhores especialistas e todos me diziam que ficaria bom, mas não para jogar futebol.

— Enganaram-se.

— Felizmente. Foi o Dr. Barros do Amaral, quem me operou. Explicou-me que para poder voltar a jogar futebol tinha que tirar um osso da perna e enxertá-lo no pé. Aceitei a prova — e felizmente curei-me por completo. Voltei a jogar e fui «internacional»!

AFINAL O VITÓRIA DE SETÚBAL FIZERA BOM NEGÓCIO!

— Nessa época fiz apenas dois jogos no campeonato. Primeiro com a Académica (que foi final a minha estreia) e depois com o Oriental.

— Foi nessa altura que, devido a uma acusação de suborno, o meu clube desceu à II Divisão.

— Maré de azar...

— É verdade! Nessa altura um dirigente do G. D. da Cuf convidou-me a voltar (como jogador, pois continuava empregado na Companhia). Não concordei, pois só jogara dois desafios num clube que despendera 80 contos na minha transferência...

E logo acrescentou:

— Aliás, provou-se que não tinha sido mau «negócio». Logo a seguir a ter sido «internacional» o F. C. Porto propunha-se a dar 150 contos ao V. Setúbal pela minha «carta».

— Incluindo ou não a sua «percentagem»?

— Não. A proposta foi-me apresentada assim: o F. C. Porto despenderia 500 contos nas transferências de Castela e minha. Cem contos para cada um de nós, e 150 para cada um dos nossos clubes (Belenenses e V.-Setúbal).

— O que não se consumou...

— O Vitória, pelo menos, não concordou. Creio que pediu 500 contos pela minha «carta», o que claro, cortou todas as hipóteses...

E riatou:

— Isso de transferências acabou para mim. Estabilizei a minha vida em Setúbal, onde tenho o meu emprego, a minha casa, e um rol de amigos.

— Quantas épocas espera ainda jogar?

— É verdade que vou fazer 33 anos. Mas corro e salto como dantes, ou talvez com mais visão do jogo. E ainda se lembram de mim para a selecção.

Concluiu:

— Se não sofrer qualquer acidente espero jogar mais três ou quatro épocas!

Assim se cumpria este voto do singular jogador que é Artur Vaz.



Artur Vaz — o «Fininho», como o chamavam os seus

CRÓNICA DESPORTIVA aumenta o formato para o dobro, passa a publicar-se quinzenalmente, e a inserir três biografias ilustradas em cada número!

Com este número, «CRÓNICA DESPORTIVA» encerra, pode dizer-se um ciclo de vida — como semanário, e forma.

A partir do próximo número, passa a publicar-se quinzenalmente, com o dobro do formato e 32 páginas. Aumenta proporcionalmente o preço para Esc. 3\$00.

A razão desta metamorfose baseia-se, principalmente, neste ponto: a necessidade, para corresponder ao interesse do público, de dedicarmos maior espaço às biografias dos desportistas.

De facto, as histórias dos jogadores que temos publicado, ilustradas com fotos na maior parte recolhidas dos álbuns dos próprios biografados, envolvendo cada qual uma recordação ou um pormenor da carreira, têm sido a base do êxito de «Crónica Desportiva».

Todos os atletas biografados têm sido de uma gentileza assinalável, desvendando muito dos segredos que envolveram as suas transferências, os seus princípios na carreira desportiva, a sua vida quotidiana. Não há fantasia nas «histórias» que temos contado — e, de facto, nunca se contou tão crua e honestamente a vida dos «ídolos» desportivos como temos feito em «Crónica Desportiva».

Impossível, porém, atender ao mesmo tempo a todos os pedidos para apresentarmos as biografias deste e daquele atleta. Temos, aliás, a preocupação de dedicar a nossa atenção não só aos jogadores dos chamados clubes «grandes», como também aos da Província, na certeza de que também eles merecem o carinho da grande massa de adeptos do desporto.

No formato que temos mantido não podíamos fazer mais do que temos feito, sob pena de restringirmos ao mínimo a divulgação de tantos «flashs» curiosos, que nos oferece dia a dia o desporto nacional e estrangeiro, e que tem constituído também, uma característica deste magazine.

Na transformação que se vai operar em «CRÓNICA DESPORTIVA» já será possível tirar outro partido da paginação e oferecer aos nossos prezados leitores, num só número, a par dos habituais «instantâneos» do desporto nacional e estrangeiro, um maior número de entrevistas, a sùmula da principal actividade desportiva em todo o mundo — e as apreciadas «histórias» das mais populares figuras do desporto lusitano.

Inseriremos normalmente duas biografias de atletas da actualidade e uma rubrica do mesmo género, a que, provavelmente, está destinado êxito idêntico: «As memórias dos ídolos do passado!»

Com estas inovações não mais pretendemos do que servir cada vez melhor o público leitor, oferecendo-lhe um magazine de categoria internacional, que se colecione com prazer crescente, e honre a vasta obra editorial da «Agência Portuguesa de Revistas».

«CRÓNICA DESPORTIVA» na sua nova fase publicar-se-á nos dias 15 e 30 de cada mês. O próximo número sairá já no próximo dia 15 de Fevereiro.

Nada mais adiantaremos sobre o que será o primeiro número da nova série, para não privar o leitor do sabor da surpresa...

Atenção, pois, ao próximo dia 15! Avise já o seu fornecedor habitual para que ele lhe reserve o próximo número de «CRÓNICA DESPORTIVA» — não vá acontecer que se esgote rapidamente, e a sua colecção fique incompleta...

JOSÉ MANUEL SOARES ("PEPE")

Naturalidade — Lisboa

Clube: Belenenses

Estreia internacional: Em 16 de Março de 1927, contra a França, em Lisboa.

Internacionalizações: 14, contra a França (4), Espanha (2), Argentina Chile, Jugoslávia, Egipto, Itália (3), Checoslováquia. Golos: 7, contra França (4), Chile (2) e Checoslováquia,

VITOR MARCOLINO DA SILVA

Naturalidade — Lisboa

Clube: Benfica

Estreia internacional: Em 8 de Janeiro de 1928, contra a Espanha, em Lisboa.

Internacionalizações: 19, contra a Espanha (5), Argentina, Itália (3), França (2), Chile, Jugoslávia (2), Egipto, Checoslováquia, Bélgica, Hungria e Alemanha.

CESAR DE MATOS

Naturalidade — Lisboa

Clube: Belenenses

Estreia internacional: Em 17 de Maio de 1925, contra a Espanha, em Lisboa.

Internacionalizações: 17, contra a Espanha (4), Itália (3), Checoslováquia, França (3), Argentina, Chile, Jugoslávia (2), Egipto, Hungria.

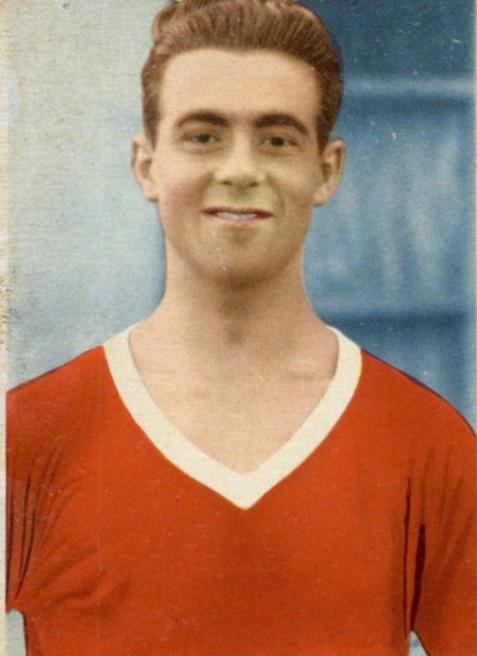
ALVARO CARDOSO PEREIRA

Naturalidade — Porto

Clube: F. C. Porto

Estreia internacional: Em 30 de Novembro de 1930, contra a Espanha, no Porto.

Internacionalizações: 7, contra Espanha (4), Itália, Bélgica e Hungria.



VITOR MARCOLINO DA SILVA



JOSÉ MANUEL SOARES ("PEPE")



CÉSAR DE MATTOS



ALVARO CARDOSO PEREIRA